

# A MODERNIDADE EXPOGRÁFICA NO BRASIL E A ARQUITETURA DE MUSEUS

Cêça Guimaraens\*

## ABSTRACT

The decades between 1930 and 1960 were very favorable for projects of museums and cultural spaces. Accordingly, all the museum buildings is a very particular kind of modern contemporary exhibit design from various angles and, therefore, is particularly interesting for the trials of the architects who worked on the Modern Movement.

In this paper I present part the research on contemporary museum that I do with the students of FAU / UFRJ. Therefore, I will show that, following the demands of society and their governments, the program of museum and cultural spaces was made and developed during the Modern Movement to both "elite" as for the "common man". And for not escape the rule, the forms adopted the international aesthetic adapting it to "local tastes."

Among the contents observed, it is emphasized that, in terms of the Modern Movement, along with the social function of the program and architectural work, the integration of art and architecture is a recurrent theme and can be considered commonplace. During this period, the authors of the projects of museums and cultural centers designed simple spaces and 'pure' forms for minimal activities. However, using valuation techniques of architecture and works of art while they busied themselves with the issues relating to the constitution of the collections and activities of cultural promotion and museum.

The known "aestheticism" was used not only for formal adjustment of the plastic and chromatic elements of buildings, but also for the application and placement of works of art, then inserted using "art" of vegetation in interior architecture, and homogeneity spaces, which were generally open, transparent and free of walls. Worthy of attention that the emphasis in the exhibition areas and the amount due to the aesthetic value of spatial organization, along with concern "view" the structure of buildings, had functional and symbolic purposes.

\* Professora  
Associada UFRJ,  
Coordenadora do  
PROARQ / FAU,  
Pesquisadora do  
CNPq

**A**presenta-se neste trabalho um relato e alguns comentários sobre significativa parte das pesquisas acerca da forma dos edifícios de museus na contemporaneidade realizadas na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

De início, é importante afirmar que as décadas entre 1930 e 1960 foram épocas muito propícias para a elaboração de projetos de museus e centros de cultura. Neste sentido, os edifícios de museus modernistas constituem espécie muito particular da museografia e da moderna contemporaneidade sob vários prismas. Portanto, é dessa perspectiva que o programa e as formas dos museus

"artístico" foi utilizado não apenas para a regularização dos elementos plásticos e cromáticos dos edifícios, mas, também, para a aplicação e colocação de obras de arte sobre os espaços e superfícies neutras e brancas.

Sob esse aspecto, também encontram-se aí inseridos o uso "artístico" da vegetação na arquitetura dos interiores e a homogeneidade dos espaços, que eram, em geral, abertos, transparentes e livres de paredes. Ressalta-se, ainda, que a ênfase nas áreas expositivas e a importância devida ao valor estético da organização espacial, ao lado da preocupação em exibir a estrutura dos edifícios, tinham objetivos funcionais e simbólicos.



arquitetura e das obras de arte ao mesmo tempo em que se ocuparam com os problemas relativos à constituição dos acervos e às atividades de dinamização cultural e museológica.

### **As pesquisas sobre museus e centros culturais**

No contexto definido acima, não resta dúvida a respeito do fato de que a geração heróica do movimento moderno arquitetônico é reconhecida por suas experimentações formais, e também por suas intenções sociais e assumidamente públicas. Ainda nessa perspectiva, o estudo da historiografia da Museologia no Brasil enriqueceu a pesquisa quando foi abordada a relação entre as políticas de governo e as ações de preservação do patrimônio arquitetônico. Verificou-se, assim, que as ações preservacionistas agregaram a importância simbólica dos edifícios de museus para os diferentes grupos sociais.

O estudo da morfologia de tipos arquitetônicos museológicos incluiu a avaliação das condições físico-ambientais e o estudo da paisagem e do urbanismo. Portanto, no que diz respeito ao espaço físico, a aferição da qualidade e da adequação técnica de casas históricas

destinadas a museus, tornou-se tema ainda mais relevante quando se observou que, ao lado da prestação de serviços, ainda na atualidade, a permanência dos ambientes e dos elementos característicos originais é tendência implementada e incentivada.

As utopias modernizantes do início do século XX reiteradamente reforçavam a função social da arquitetura e dos, então, novos programas arquitetônicos, em que se incluíam os museus e as bibliotecas, atualmente reconhecidos na condição de "lugares de memórias". Hoje, entretanto, apesar dessas tradições e perspectivas de tal passado modernista estarem radicalmente deslocadas, no "universo" de novas configurações das trocas simbólicas, os espaços museológicos ainda estariam a "jogar" um dos papéis protagonistas, pois as ressignificações de objetos e sujeitos transformam cada vez mais os museus e as exposições em locais de interação social em nível global. Procura-se aqui reafirmar, portanto, que, em consequência, os edifícios, os lugares e as instituições se constituem na origem das ações que priorizam a comunicação com o público.

A gestão, revalidação e releitura dos bens e acervos de naturezas várias geraram, em tempos recentes, novos

indicadores para a criação de lugares de memória. Dessa maneira, a democratização dos museus transcorre em desdobramentos de espaços sociais e físicos difusos, o que permite novos recortes patrimoniais e diálogos expressivos da diversidade sociológica das instituições e das cidades.

Nessa perspectiva, o estudo do desenvolvimento das formas de pensar a Cultura é fundamental para a verificação do papel dos agentes culturais e institucionais na elaboração das políticas de Estado para o setor museológico.

Em tal âmbito, artistas, produtores, curadores e animadores culturais, museólogos, funcionários - diretores e executivos - e especialistas reconhecidos almejam controlar a promoção dos significados de tudo que traduza a dita "Cultura". Assim, esses agentes e atores constituem e também fazem parte de uma rede financeira e profissional que, necessariamente, está a atender a interesses político-ideológicos, sejam estes de mercado ou institucionais.

Esses processos estão a exigir o uso livre e franco das novas técnicas, e a aplicação de métodos de projeto de arquitetura e de gestão alternativos, abertos e flexíveis. A inclusão social, daí decorrente, poderá gerar perspectivas de

autofinanciamento e reciprocidade funcional, caso sejam produzidas, ao mesmo tempo, ações globais e comunitárias.

Os estudos e pesquisas que empreendemos na UFRJ demonstram que os modelos de museus privilegiam os recortes patrimoniais específicos (no caso dos museus monográficos); impulsionam as ações de revitalização e gerenciamento da informação de modo virtual e real (no caso da formação de museus "em rede"); e anunciam que os lugares de memória são configurados em função dos ambientes e dos problemas sociais das populações e respectivos patrimônios e territórios (no caso dos museus de cidade e de favela, ecomuseus, roteiros ou percursos e rotas culturais).

Em nível do ensino de pós-graduação, os objetos a focar aqui por diante seriam os processos tradicionais e as dinâmicas históricas, as políticas de gestão governamentais, os sistemas de museus, as narrativas expositivas e as bases dos discursos de difusão da ciência e da técnica.

Os estudos também tornaram expostos problemas e dificuldades. Observa-se, portanto, que, para ampliar os horizontes dos processos de projeção arquitetônica e de gestão democrática,

além dos estudos da forma, dos diagnósticos de avaliação que desvendem fatos físicos e mitos existentes, será necessário estudar outros olhares perceptivos.

Assim, para integrar, ampliar e renovar a produção de conhecimento da área da Arquitetura e da Museologia, a pesquisa e o ensino do projeto arquitetônico dos novos "lugares de memória" deveriam ser articulados às diferentes linguagens que compõem outros universos disciplinares.

No início da década em curso, o projeto de pesquisa "A importância dos espaços culturais para a requalificação de centros urbanos" do Grupo de Estudos de Arquitetura de Museus do Programa de Pós Graduação em Arquitetura foi aprovado pela Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - Faperj. Os trabalhos então propostos objetivavam, em linhas gerais, verificar a importância dos museus na requalificação dos centros urbanos e a renovação e valorização do entorno dos principais museus do Centro do Rio. Nessa perspectiva, a verificação da reabilitação do entorno imediato dos edifícios de museus se justificava tanto em razão da abordagem dos estudos considerar a importância da adequação e

apropriação de uso destes edifícios para a requalificação urbana, quanto pelo fato de serem os mesmos tombados ou preservados por meio de legislação de proteção do patrimônio cultural.

O período estudado enquadrava as ações de melhorias físicas desde o final da década de 1980 até o momento, atendendo ao fato desta ser a fase em que a produção e a promoção de atividades culturais, no Rio de Janeiro, atravessaram períodos de renovação.

Junto com as atividades didáticas citadas, essas pesquisas complementaram a formação e a melhoria dos níveis de instrumentalização dos alunos, integrando o ensino de graduação à pós-graduação. Nas primeiras etapas, os pesquisadores realizaram o inventário arquitetônico dos principais museus do centro do Rio de Janeiro, por meio de visitas de campo e levantamentos de dados com aplicação de questionários, fichas base e entrevistas.

Assim, os estudantes verificaram desde a propriedade da mudança da função original até as reais possibilidades da adequação técnica para a função cultural de museus que estão instalados em edifícios históricos.

O roteiro de itens estudados abrangeu a delimitação conceitual e física do entorno dos edifícios de museus e

compreendeu o levantamento de dados físicos básicos sobre a situação e localização na malha urbana; os tipos de usos e níveis de acessibilidade; a legislação de proteção aplicável; as intervenções e obras de proteção realizadas; e as perspectivas e tendências de renovação.

Além disso, pretendia-se verificar as possibilidades de retorno da aplicação de recursos financeiros junto às instituições governamentais promotoras da lei de incentivo fiscal; e, finalmente, produzir um *site* na *internet* para divulgação dos resultados.

No Rio de Janeiro, desde a década de 1980, os processos de recuperação do Centro envolvem diretamente os museus e os centros culturais. Essas instituições, ao receberem significativos apoios e aportes financeiros do poder público e da iniciativa privada, vêm reanimados o discurso e a prática de projetos de renovação arquitetônica.

Admitindo-se que a articulação entre as instituições museológicas do centro do Rio constitui uma rede de edifícios cuja arquitetura estabelece um conjunto representativo da formação e da importância regional e nacional da cidade, os trabalhos de pesquisa se desenvolveram nos edifícios do Museu Histórico Nacional, Centro Cultural Banco do Brasil,

Paço Imperial, Museu Nacional de Belas Artes, Museu de Arte Moderna e Centro de Artes Hélio Oiticica.

Apesar das progressivas ações de renovação empreendidas, observou-se que, até o momento, nenhum "grande museu" do Centro do Rio formulou um grande passo no sentido da modernização programática e físico-espacial. As contribuições para o fortalecimento do processo de restauração do MHN, agregaram as melhorias das edificações do entorno do antigo Largo do Paço. Porém, a reabilitação desse museu dá sequência a um processo constante de modernização e prolonga-se até os dias atuais. Assim, vem sendo, de fato, implantada pouco a pouco desde 1979, quando grande parte dos museus existentes no Brasil passou à gestão do Iphan.

No entanto, observa-se que as propostas e obras de reabilitação da área central do Rio no final do século passado destacaram o projeto da Frente Marítima de Oriol Bohigas e Nuno Portas. No início do século XXI, a frustrada implantação da filial do museu Guggenheim no pier da praça Mauá foi resultado de debate acirrado entre autoridades, artistas e políticos. Na segunda década do século XXI, a perspectiva de eventos de grande porte poderá suscitar a ampliação, as

novas melhorias e as adaptações da rede de museus do Rio, agregando-se a estas iniciativas, a ênfase nos museus de favela e de comunidades.

### **Outros focos e temas dos estudos**

O projeto do Museu de Arte de Brasília foi motivo de interesse das pesquisas, pois, além da função cultural específica, verificou-se que o edifício deveria ser um aprazível local de lazer. Os autores do projeto afirmaram que não pensaram em criar um museu dinâmico, em que o público se informaria sobre os aspectos e problemas da arte moderna em salas de conferência e de cursos. A instituição deveria ser um museu para o homem comum, pois os arquitetos acreditavam que um museu de modelo e programação didática afugentaria o público ou, no mínimo, não o convidaria a uma segunda visita.

Dever-se-ia, assim, dar a idéia de que museu exibiria uma arte viva, não feita especificamente para ser exibida em museu. Em consequência, eles pensaram em uma arquitetura que proporcionaria ao público um espetáculo artístico pleno de obras de arte selecionadas e cuidadosamente valorizadas pela espacialidade e transparência, possuidoras de espécie

singular de "decoreção apropriada".

A não existência de cursos e suas respectivas dependências, que certamente seriam ministrados por outras organizações em Brasília, permitiria substancial redução no custo da construção, do equipamento e da manutenção do museu com bom proveito na aquisição de obras de arte. O acervo do museu deveria ser o mais eclético possível. Isso, sim seria o que imprimiria o maior caráter didático e, o que implicaria o maior atrativo em razão da variedade das obras expostas. De preferência as obras a adquirir seriam poucas, mas deveriam "boas obras de jovens artistas nacionais e estrangeiros, cujos preços ainda sejam de fácil aquisição". Os arquitetos autores consideravam que foi dessa maneira que se formaram os acervos dos bons museus internacionais.

A concepção do Museu de Orleans, em Santa Catarina, do arquiteto Alcides Rocha Miranda, e as formas expositivas do tipo Museu de Rua foram também associadas e relacionadas na pesquisa a outras iniciativas assemelhadas de fundo sociológico que, embora de modo esporádico e pontual, foram levadas a efeito pela Fundação Nacional *pró*Memória em outras regiões do Brasil no final da década de 1970.

Na dimensão social, o estudo dos movimentos de afirmação da Nova Museologia revelou a importância da formação dos Ecomuseus de Santa Cruz e do bairro de São Cristóvão que foram propostos para o município do Rio de Janeiro na década de 1980. O projeto Bairro-Escola de Nova Iguaçu, tema da dissertação de mestrado do arquiteto e urbanista André Pinto, também foi objeto das nossas análises quando foi necessário observar a potencialidade da rede de escolas para a Educação Patrimonial e para o fortalecimento da musealização dos fatos de origem das comunidades.

A avaliação qualitativa da exposição permanente do Museu da Maré sugeriu as reflexões sobre a importância e o impacto das representações simbólicas e idealizadas da "casa" em museus de comunidades. Verificou-se que, no caso do barraco azul exposto no principal espaço do Museu da Maré, seria imprescindível fazer analogias com espaços criados em museus de arquitetura, tal como se encontra no Museu de Arquitetura de Frankfurt.

Dentre outros tópicos que as leituras sugeriram, além desses aspectos e dos projetos de arquitetura de museus elaborados entre as décadas de 1920 e 1970, a produção das mulheres (museó-

logas e arquitetas) foi tema de interesse da pesquisa em que se obteve conexões e resultados inéditos.

Na área de estudos de gênero, em paralelo às pesquisas sobre Heloísa Alberto Torres e Lygia Martins Costa, os estudos enfocaram os projetos de museus e as exposições de Lina Bo Bardi, Gisela Magalhães e Janete Costa. Verificou-se, assim, que Lina Bo Bardi criou o caminho que Gisela Magalhães e Janete Costa trilharam.

Gisela Magalhães, entretanto, transgrediu cânones expográficos, carnalizando e exacerbando conceitos tradicionais no espaço expositivo. Por outro lado, na curadoria e montagem de exposições, Janete Costa alargou a própria produção de arquitetura de interiores - onde se apropriava de mobiliário e peças antigas para fazer contrapontos estilísticos - passando a utilizar artefatos populares para criar ambiências expositivas em hotéis, lojas e museus.

Dentre as reconhecidas linguagens expográficas renovadoras que essas arquitetas realizaram, foi possível destacar a espécie singular criada pela arquiteta Janete Costa para a Igreja de São Lourenço dos Índios, em Niterói. Embora elaborada de modo modernista exemplar, a "exposição" idealizada por Janete Costa



pode ser associada às diretrizes da Nova Museologia, pois a arquiteta recriou a Via Sacra incluindo objetos de arte popular no ambiente minimalista da arquitetura colonial. Assim, a associação e releitura da Via Sacra por meio dessas imagens recriaram a ambiência da edificação; portanto, transformou essas imagens em bens integrados que, por possuírem alto significado simbólico para o lugar, são os principais elementos definidores do real caráter da nave da igreja.

### **O ensino do projeto de arquitetura de Museus e Centros Culturais**

Neste artigo, importa enfim destacar, à guisa de conclusão, as maneiras sob as quais foram conduzidos, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, os estudos de Arquitetura de Museus e Centros Culturais. Esses estudos estão a completar, em 2009, a década inicial da produção ininterrupta de atividades de pesquisa e ensino que integram o campo da Arquitetura ao campo da Museologia.

No final da década de 1990, a disciplina "Arquitetura de Museus e Centros Culturais" foi instituída no Departamento de Planejamento de Arquitetura na categoria de disciplina optativa. Em 1996, a ementa da disciplina

estabelecia que o curso abordaria os aspectos e componentes arquitetônicos dos espaços destinados às atividades museológicas e culturais, visando o conhecimento dos processos de elaboração e análise de projetos de arquitetura e de edifícios destinados a estas finalidades.

Na reforma curricular do ano de 2008, os conteúdos da disciplina "Arquitetura de Museus e Centros Culturais" foram inseridos na então recém criada disciplina "Projeto de Arquitetura para a Cultura". Classificada na condição de obrigatória optativa, essa disciplina também abrange os estudos de outros tipos de programas arquitetônicos, em que se incluem as bibliotecas, os teatros e os espaços alternativos e complementares de igual finalidade.

O entendimento e a crítica dos aspectos relativos à formação e aos atuais condicionantes dos espaços museológicos observavam a conservação, manutenção e dinamização das áreas de exposição e ainda a reabilitação e adaptação técnica dos edifícios históricos para as atividades museológicas. As categorias da arquitetura que dizem respeito à função e espaço, uso e forma, e escala e contexto, foram enfatizadas com base na perspectiva histórica dos conceitos da

instituição "museu", os quais, admitia-se, fundamentaram os estudos tipológicos dos museus modernos.

Dessa maneira, nas atividades didáticas, estudava-se a diversidade formal e programática de espaços culturais diferenciados que configuravam o tipo e os modelos da arquitetura de edifícios de museus e de centros difusores da cultura museológica.

As leituras diziam respeito aos conceitos gerais e significados da arquitetura de museus e centros culturais, compreendendo a forma e a função desses edifícios na atualidade. O estudo de tais categorias observava também a classificação dos acervos museológicos e a relação destes com os principais espaços externos e internos dos edifícios.

Verificou-se em especial, que as resoluções internacionais determinaram a especial atenção aos "usuários" do edifício, fossem estas pessoas ou acervos. Assim, as possibilidades e as condições de acesso universal aos acervos foram observadas à luz das diretrizes expressas em Cartas Patrimoniais. Observa-se, neste sentido, que a "missão" institucional e, em consequência, a amplitude do alcance social dos museus e centros culturais, é identificada por meio da percepção ampla dos acervos e conso-

lidada na programação de atividades.

Destaca-se, portanto, que, na pesquisa e no ensino de projeto, o edifício do museu foi considerado na condição de acervo. Assim, a promoção e a segurança foram abordadas de modo a garantir as diferenças de apreensão dos significados da arquitetura e dos objetos expostos aos visitantes. Em consequência, o uso e a eficácia da infraestrutura funcional foram observados com base na consideração dos elementos de dinamização da arquitetura dos edifícios que possibilitavam ampla acessibilidade e segurança de acervos e usuários. Desse modo, além da importância da liberdade ampla - decorrente da adequação dos equipamentos de circulação vertical e horizontal, e da ergonomia dos suportes e mobiliário -, com que as áreas de dinamização educativa e os percursos deveriam acolher o visitante, foram estudados os sistemas de orientação e sinalização, iluminação e climatização, e registro, documentação, informatização e midiaticização, onde se incluem os recursos digitais e os laboratórios técnicos para conservação e restauro.

Conforme antes comentado, a estrutura e o desenvolvimento do programa da disciplina objetivavam o conhecimento crescente de conceitos e dos

tópicos relativos aos componentes espaciais e tecnológicos. Esta dinâmica da análise permitiu a compreensão da hierarquia dos espaços internos e a relação destes com o entorno do edifício. O programa de necessidades espaciais, as articulações funcionais, os espaços expositivos e as reservas técnicas também foram estudados face às tecnologias de conservação e comunicação mais atuais.

As atividades da disciplina integravam comparativamente os conteúdos e resultados da pesquisa. Os trabalhos e relatórios parciais e finais eram apresentados em padrões gráficos e digitais, de maneira que os conteúdos teóricos e textuais fossem complementados com suportes visuais do tipo painéis, fotografias, transparências, diapositivos, vídeos etc. Em 2001, 2003 e 2005 foram realizados os seminários internacionais "Museus, Arquitetura e Reabilitação urbana", "Museus e Cidades" e "Museografia e Arquitetura de Museus".

Em tais encontros de especialistas foram tratadas as iniciativas que ampliavam o potencial colaborativo entre criadores, promotores e gestores da arquitetura e de edifícios de museus. Ao lado das observações sobre os projetos museológicos e a tipologia formal e funcional dessas instituições, destacou-se

a temática de amplo âmbito social que, cada vez mais, envolvia o cumprimento das metas de governos nacionais e estrangeiros nos setores de educação, turismo e cultura.

Um dos principais resultados do processo de ensino do projeto de arquitetura de "Museus e Centros Culturais" foi o aumento significativo do número de Trabalhos Finais de Graduação desenvolvidos por vários professores da FAU, na última década, com base nos conteúdos da disciplina. Neste sentido, destacam-se os trabalhos de graduandos que foram indicados à seleção interna de representantes da FAU/UFRJ nos concursos Opera Prima; e os trabalhos publicados na revista Academia.

Além disso, os estudos e pesquisas produziram acervos de fotografias, textos e trabalhos disciplinares regulares sobre os diferentes tipos de museus, a apresentação e a publicação de artigos em anais de seminários e encontros acadêmicos, e a participação em Jornadas de Iniciação Científica, Assessorias e Concurso de Projetos.

Finalmente, observa-se que o conhecimento sobre as formas responsáveis de uso e sobre a modernização dos edifícios de museus e das respectivas áreas de entorno histórico permite o

atendimento do mercado, o aperfeiçoamento das capacidades e o aumento das potencialidades dos estudantes.

Assim, estudantes, professores e profissionais das instituições envolvidas estão a ampliar a qualificação museológica e a instrumentalização do campo

museográfico no Brasil por meio do ensino de projeto em nível de graduação e pós, das atividades de extensão e da verificação dos resultados diretos das pesquisas sobre a arquitetura de museus e centros culturais empreendidas na UFRJ e aqui resumidamente apresentadas.